



José Gabriel Ávila *

Horta: bela cidade

Para um picoense que não viva na fronteira, uma viagem do Pico ao Faial gera, normalmente, uma preparação antecipada, pois não se vai à cidade da Horta de qualquer maneira. Mesmo que se seja só ao Hospital, a uma simples consulta ou exame de rotina, a indumentária é diferente. Traja-se as roupas do domingo ou do dia de festa, porque andar pela cidade ou ir visitar um familiar internado, implica um cerimonial diferente que os picoenses, há muito, adotaram. Exceto o pessoal “da fronteira” [concelho da Madalena] que faz da Horta o prolongamento do Pico, concelho a que já esteve ligado durante décadas. Para esses picarotos, ir à ilha em frente, não tem o cerimonial da viagem, mas de quem vai ali e logo regressa a casa, para no dia seguinte voltar. Foi assim quando a Horta era inundada pelos vendedores de fruta...

“O mar estava com’á meli”, o barco não se mexia. Num abrir e fechar de olhos, passámos os ilhéus da Madalena [o em Pé e o Deitado] e passado pouco tempo apareceu a Ponta da Espalamaca.

À entrada da baía, a cidade da Horta apresentava, em anfiteatro, toda a sua beleza arquitetónica, pontificando os templos no meio do casario.

O velho Cais de Santa Cruz, de onde partiam e chegavam os barcos e as gentes do outro lado do Canal é, presentemente, um espaço integrado no porto de pesca, contíguo às instalações do Clube Naval que há muito aguardam melhoria para a prática desportiva. Os iates tomaram conta de metade do saco da antiga doca, em cuja baía os navios baleeiros de Bew Bedford aportavam para fazer aguada e retomar a faina baleeira no Atlântico Norte.

A cidade de então, foi o primeiro posto consular do grande país que está a celebrar 250 anos de independência. Por isso a Horta merece uma homenagem singular, quer pela importância que desempenhou na História norte-americana, quer pela ligação política e diplomática que se criou desde então entre os Açores (Faial) e os EUA, e que as autoridades daquele país souberam compensar, recebendo os sinistrados do Vulcão dos Capelinhos.

Estes são marcos da História Faialense que importa dar a conhecer às jovens gerações, para que compreendam os laços que unem os veteranos da comunidade faialense de New Bedford – cidade irmã da Horta – à sua terra natal.

Desconheço se, presentemente, a localização da sede da Assembleia Legislativa Regional na Horta, como primeiro e principal órgão de Governo Próprio da Região constitui motivo de orgulho para os faialenses e para as novas gerações.

Acompanhei, muito de perto, importantes momentos do processo legislativo, nomeadamente, a elaboração da proposta do primeiro Estatuto Político Administrativo. Esses episódios e os entendimentos político-partidários, até à aprovação da proposta, por unanimidade, na Assembleia da República, não mais esquecerei.

Tenho a impressão de que a cidade faialense – capital do ex-distrito da Horta – devia assumir mais o papel fundamental que desempenha no processo Autonómico e considerar-se menos um município entre os demais.

A História e a Cultura são os fundamentos que valorizam as sociedades e as instituições. Sem elas, a identidade dos povos perde-se ou deixa-se corromper, irremediavelmente, por fenómenos globalizantes de dimensão apreciável que torna as sociedades e as culturas muito permeáveis e pouco afirmativas.

Existem na cidade da Horta instituições culturais, educativas, políticas e académicas de grande valia. Importa que se comprometam na defesa da História local e insular e não descurem as antigas ligações a outros povos que ajudaram a desenvolver, seja no capítulo das migrações seja nas ligações marítimas comerciais e no iatismo internacional.

Importa aqui recordar que, em consequência do papel de consciencialização desenvolvido pelas Semanas de Estudo, houve cidadãos faialenses que, nos finais da década de 60, deram um grande “abanão” para que se formasse o projeto do “Triângulo”. José Pacheco de Almeida, Mário Frayão e outros, nas páginas do extinto diário “O Telégrafo”, contra a opinião dos “situacionistas” defenderam o óbvio: as três ilhas são complementares em vários domínios e, com tal, deveriam unir-se em projetos comuns de desenvolvimento.

Vivia-se, então, a “Primavera Marcelista” que não foi além de uma desejada abertura à livre expressão e mudança do regime que conduziu à paz nas designadas “Províncias Ultramarinas”.

Nas últimas eleições do regime da Ditadura, um grupo de cidadãos picoenses reuniu-se no Verão de 1969, na Silveira, para discutir se deveriam apresentar um candidato independente. A escolha recaiu em Fernando Amorim, lajense integro, funcionário superior da Casa Bensaúde na Horta.

Ausentei-me, entretanto, da Ilha e desconheço se ele chegou a ser contactado. O movimento não foi mais longe, mas sinalizou que o regime estava a ruir.

Nem mesmo com a inauguração do Aeroporto da Horta, pelo Chefe do Estado Américo Tomás, em agosto de 1971, os habitantes acreditaram na mudança.

Só a partir da implantação da Democracia e da criação da Autonomia, se registaram alterações significativas no processo de desenvolvimento insular.

Infelizmente o Faial e o Pico continuam com dificuldades nos seus aeroportos.

Na Horta, está a ser difícil a ampliação da pista, apesar das fundamentadas reclamações junto das entidades competentes.

A ANA optou, entretanto, por “lavar a cara” à primitiva aerogare, mas sem aumentar o edifício. Não houve melhoria dos espaços, nem mais conforto para os passageiros, ao contrário do que afirma a empresa.

Em meu entender, os enormes cartazes colocados no exterior do terminal, mostrando o que era o terminal antes e depois da obra, cujo montante não foi revelado pela imprensa, são uma afronta aos faialenses e aos passageiros.

Muito se fala na atualidade parlamentar e governativa que decorre na cidade da Horta. Pouco se relata a vida de uma cidade que, dadas as suas características marítimas e geográficas constitui porto-seguro para centenas de iatistas e milhares de visitantes.

Quantas histórias trágico-marítimas se consomem num gin do “Pieter” e poderiam constar da História Faialense, mas perdem-se para nunca mais...

Ao regressar ao Pico, outras histórias do canal ouvi da marinhagem da Atlântico-line. Mas essas ficarão para outra crónica.

* Jornalista c.p. 239 A

<http://escritemdia.blogspot.com>



José Gabriel Ávila



José Gabriel Ávila